

AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS NA SALA DE AULA: CONCEITOS, HABILIDADES E PERSPECTIVAS PARA FOMENTAR A APRENDIZAGEM.

Eder Vasconcelos Marinho ¹
Carlos Felipe da Silva Melo ²
José Ricardo Oliveira Barbosa ³
Ildineti de Jesus Alves Costa ⁴

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa centra-se na compreensão, implementação e avaliação da teoria das Inteligências Múltiplas como método de aprimoramento da aprendizagem. Parte-se da constatação de que, no contexto escolar, apenas as inteligências lógico-matemática e linguística costumam ser privilegiadas nas práticas pedagógicas. Assim, a pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o uso de tecnologias educacionais que favoreçam o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos alunos, diante da escassez de métodos didáticos que considerem as diferentes formas de aprender. Além disso, destaca-se a urgência de inovar, dinamizar e aperfeiçoar a didática, tornando-a mais inclusiva e significativa.

Nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo geral compreender quais habilidades e inteligências os discentes identificam como mais propícias à aquisição de conhecimentos, bem como classificar e aplicar diferentes modos de ensino que valorizem cada tipo de inteligência nas atividades em sala de aula. Buscou-se ainda averiguar quais inteligências se mostraram mais eficazes no processo de aprendizagem.

Para alcançar tais objetivos, o estudo propôs-se a investigar, classificar, implementar e avaliar ações didáticas fundamentadas na teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1995), utilizando-as como estratégia para potencializar a aprendizagem.

¹ Professor de Física da SEDUC/AM; Mestre em Clima Ambiente pelo Instituto Nacional de Pesquisa na Amazônia – INPA e Universidade do Estado do Amazonas (UEA) -AM, eder.marinho@prof.am.gov.br;

² Professor de Língua Inglesa da SEDUC/AM; Especialista em Letramento Digital pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – AM, carlos.felipe.edu20@email.com;

³ Professor de Geografia da SEDUC/AM; Mestre em Educação pela da Universidad del Sol (PY), Especialista em Metodologia do Ensino de Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - AM, jricardoob@gmail.com;

⁴ Professor orientador: titulação, Faculdade Ciências - UF, orientador@email.com.



Considerando que o ambiente escolar tende a privilegiar apenas algumas formas de raciocínio, esta investigação buscou ampliar a diversidade metodológica, integrando práticas que estimulem diferentes tipos de inteligência.

A fundamentação teórica apoiou-se em autores como Gardner (1995), Smole (1999), Campbell (2004), Antunes (2014) e Rizzatti (2020), que discutem a aplicação das inteligências múltiplas no campo da didática e do currículo. Em seguida, foi aplicado um questionário a 200 estudantes do Ensino Médio, com o objetivo de identificar as inteligências predominantes entre os discentes, analisar suas formas preferenciais de aprendizagem e reconhecer as habilidades que necessitam de maior estímulo em sala de aula. A partir da identificação dessas inteligências, foram planejadas e executadas atividades diversificadas, contemplando as distintas potencialidades dos alunos. As ações pedagógicas permitiram classificar as habilidades que mais se destacaram no grupo, evidenciando uma maior equidade na didática e favorecendo a aquisição de conhecimentos sob diferentes perspectivas de aprendizagem. Desse modo, a aplicação da teoria das Inteligências Múltiplas contribuiu para uma prática educativa mais dinâmica, contextualizada e inclusiva, voltada ao desenvolvimento integral dos estudantes.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa caracteriza-se como de natureza quantitativa e qualitativa, com enfoque exploratório e descritivo. O estudo buscou compreender as percepções e práticas dos alunos em relação ao uso da Inteligência Artificial (IA) e à teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Gardner (1994), no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal descrever características de determinada população ou fenômeno, permitindo identificar padrões e tendências. Já a abordagem qualitativa possibilita uma interpretação mais profunda dos dados, considerando as experiências e percepções dos participantes.

Para compreender a teoria e as ações com as múltiplas inteligências foram considerados os autores: Gardner (1995), Smole (1999), Campbell (2004), Antunes (2014) e Rizzatti (2020); em seguida foi aplicado um questionário com cerca de 200 discentes do Ensino Médio para identificar com quais inteligências eles se identificam, qual a melhor forma de aprendizagem e quais habilidades precisam ser reforçadas em sala de aula.



REFERENCIAL TEÓRICO

A concepção tradicional de inteligência, historicamente associada a habilidades lógico-matemáticas e linguísticas, tem sido questionada por estudiosos que buscam compreender a complexidade dos processos cognitivos humanos. Nesse contexto, Howard Gardner (1995) propôs a Teoria das Inteligências Múltiplas, afirmando que o ser humano possui diferentes tipos de inteligência, cada uma relacionada a formas específicas de perceber, processar e expressar o conhecimento.

De acordo com Gardner, a inteligência deve ser compreendida como uma capacidade biopsicossocial, que se manifesta de maneira singular em cada indivíduo. O autor identifica, inicialmente, sete inteligências: linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista, sendo que outras foram posteriormente reconhecidas e estudadas. Essa diversidade cognitiva amplia a visão sobre o aprendizado, evidenciando que os alunos não aprendem da mesma maneira nem possuem os mesmos interesses (RIZZATTI; CASSOL; BECKER, 2020)

O conhecimento das Inteligências Múltiplas pelos professores permite o desenvolvimento de atividades que contextualizem o espaço vivido dos alunos, elaborando-as em prol de uma aprendizagem que vise as particularidades dos estudantes. Sabe-se que nem todas as pessoas possuem os mesmos interesses e, por isso, não aprendem da mesma maneira, muito menos compreendem tudo que é ensinado (RIZZATTI; CASSOL; BECKER, 2020, p. 265).

Segundo Antunes (2014), compreender e aplicar as inteligências múltiplas na educação significa reconhecer o potencial individual dos estudantes e propor estratégias de ensino diversificadas que despertem o interesse e favoreçam a aprendizagem significativa. O autor defende que o professor deve atuar como mediador do conhecimento, criando experiências didáticas que estimulem as diferentes dimensões da inteligência humana.

Nessa perspectiva, Smole (1999) e Campbell (2004) reforçam que o papel do educador é transformar o ambiente escolar em um espaço de múltiplas oportunidades de expressão cognitiva, utilizando metodologias que valorizem tanto o raciocínio lógico quanto a criatividade, a sensibilidade artística e a capacidade de interação social. Essa abordagem promove uma aprendizagem mais inclusiva e integral, em consonância com as demandas contemporâneas da educação.



O trabalho diversificado permite ao professor acompanhar os alunos de acordo com seus ritmos de aprendizagem, dando-lhes um atendimento mais individualizado e sugerindo outras possibilidades tanto para aqueles que aprendem mais rapidamente, quanto para aqueles que levam mais tempo para aprender. Dessa forma, são oferecidas possibilidades de tempos diferentes para a aprendizagem (MONTEIRO; SMOLE, 2010, p. 363)

A teoria das inteligências múltiplas pode ser articulada com os princípios da Pirâmide de Aprendizagem de Edgar Dale (1969), também conhecida como Cone da Experiência, que descreve a relação entre o tipo de experiência de aprendizagem e o grau de retenção do conhecimento.

Segundo Dale, a aprendizagem é mais efetiva quando o indivíduo participa ativamente do processo, em vez de apenas receber informações de forma passiva. O autor propõe uma hierarquia de experiências que vai das atividades mais abstratas (como leitura e escuta) até as mais concretas e participativas (como simulações, dramatizações e prática real). De forma sintética, a pirâmide mostra que as pessoas tendem a reter cerca de 10% do que leem, 20% do que ouvem, 30% do que veem, 50% do que veem e ouvem, 70% do que dizem e escrevem, e até 90% do que fazem e ensinam a outros (DALE, 1969)

Portanto, a integração entre as duas perspectivas — Gardner (1995) e Dale (1969) — oferece uma base sólida para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, centradas no aluno e orientadas para a aprendizagem significativa. Ambas as teorias convergem ao destacar que o ensino deve considerar as diferenças individuais, estimular múltiplas formas de expressão do conhecimento e promover a construção ativa e contextualizada da aprendizagem.

Para Gardner (1995), a essência da Teoria das inteligências Múltiplas para a educação é respeitar as muitas diferenças entre as pessoas, as múltiplas variações em suas maneiras de aprender e os vários modos pelos quais elas podem ser avaliadas, levando em consideração a sua competência em resolver problemas perante os estímulos que o ambiente apresenta.

Jogos de confiança em grupo, jogos de reconhecimento do grupo, trabalho cooperativo, partilha de emoções e ideias com o grupo, exercícios que desenvolvem a capacidade de ouvir e ver com atenção, exercícios de observação e imitação ajudam o indivíduo na relação consigo próprio, com o seu corpo, com o outro e com o mundo, respeitando as suas características individuais, a liberdade e as aptidões criativas,



contribuindo para o êxito das relações sociais (CAMPBELL, CAMPBELL, & DICKINSON, 2000)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contribuiu para a identificação subjetiva dos discentes quanto aos tipos de habilidades/ inteligências, permitiu a compreensão de que cada indivíduo é único e desenvolve diferentes tipos de inteligências que o ajudam no processo de aprendizagem.

De acordo com Armstrong (2001), cabe ao educador desenvolver estratégias pedagógicas baseadas na teoria das Inteligências Múltiplas, de modo a favorecer interações diversificadas entre os alunos, tanto em duplas quanto em pequenos grupos, além de estimular momentos de autorreflexão individual que consolidem o aprendizado.

Desse modo, Gardner (1994) propõe a existência de sete inteligências múltiplas — linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal —, que representam diferentes formas de compreender, processar e expressar o conhecimento. Essa perspectiva rompe com a concepção tradicional de inteligência como uma capacidade única e mensurável, passando a valorizar a pluralidade das habilidades humanas. Assim, reconhece-se que cada indivíduo possui potencialidades específicas e modos singulares de aprender. Nesse sentido, cabe ao educador identificar, valorizar e estimular essas inteligências no contexto escolar, de modo a promover uma aprendizagem significativa e inclusiva, que respeite as diferenças individuais e favoreça o desenvolvimento integral dos estudantes em sala de aula.

Os alunos relataram alcançar melhores desempenhos nos seguintes componentes curriculares: Geografia (51%), História (48%), Língua Portuguesa e Artes (43%), Educação Física (42%), Sociologia/Filosofia (36%), Biologia (34%), Química (30%), Língua Inglesa (29%), Matemática (24%) e Física (17,8%).

No que se refere aos campos do conhecimento e à formação acadêmica e profissional, 40% dos estudantes indicaram maior identificação com a área de Ciências Humanas, 32% com Linguagens, 25% com Engenharia e Tecnologia, 14,9% com as Ciências Exatas e 14,4% com as Ciências Biológicas.

Esses resultados evidenciam uma tendência de maior afinidade dos estudantes com áreas relacionadas às inteligências linguística, interpessoal e intrapessoal, conforme



descritas por Gardner (1994). A predominância das disciplinas de Geografia, História, Língua Portuguesa e Artes sugere que muitos alunos se destacam em atividades que envolvem comunicação, reflexão crítica e expressão criativa. Por outro lado, o menor índice de desempenho em disciplinas como Matemática e Física pode indicar uma menor identificação com a inteligência lógico-matemática, o que reforça a importância de o professor diversificar suas estratégias pedagógicas para abranger diferentes estilos de aprendizagem.

É de a máxima importância reconhecer e estimular todas as variadas inteligências humanas e todas as combinações de inteligências. Nós todos somos tão diferentes em grande parte porque possuímos diferentes combinações de inteligência. Se reconhecermos isso, penso que teremos pelo menos uma chance melhor de lidar adequadamente com os muitos problemas que enfrentamos nesse mundo. Se pudermos mobilizar o espectro das capacidades humanas, as pessoas não apenas se sentirão melhores em relação a si mesmas e mais competentes; é possível, inclusive, que elas também se sintam mais comprometidas e capazes de reunir-se ao restante da comunidade mundial para trabalhar pelo bem comum. Se pudermos mobilizar toda a gama de inteligências humanas e aliá-las a um sentido ético, talvez possamos ajudar a aumentar a probabilidade de nossa sobrevivência neste planeta, e talvez inclusive contribuir para a nossa prosperidade (GARDNER, 1995, p.18).

Nessa perspectiva, Armstrong (2001) ressalta que o papel do educador é criar ambientes e estratégias de ensino que estimulem múltiplas formas de aprender, promovendo experiências que integrem colaboração e autorreflexão. Antunes (2000) complementa que o reconhecimento das múltiplas inteligências na prática escolar favorece o desenvolvimento integral do aluno, tornando o ensino mais significativo e motivador. De modo convergente, Morin (2001) argumenta que a educação deve valorizar a complexidade humana, integrando razão, emoção e sensibilidade no processo de construção do conhecimento.

De acordo com os dados obtidos por meio do questionário aplicado, 37% dos alunos afirmaram aprender melhor por meio de atividades práticas, enquanto 35% relataram assimilar o conteúdo ouvindo alguém — como professores, colegas ou podcasts. Além disso, 31% dos estudantes indicaram que aprendem com maior eficiência ao escrever, seja por meio de rascunhos, mapas mentais, anotações ou resumos, e 29% destacaram o estudo a partir de aulas expositivas ou vídeos.

Outros 23% dos participantes afirmaram preferir a leitura de livros, 19% indicaram a observação de elementos visuais (imagens, infográficos ou gráficos), 18% mencionaram o debate de temas com outras pessoas, e 15% declararam aprender melhor



por meio da pesquisa e curadoria de conteúdo. Por fim, também 15% dos alunos apontaram o ato de ensinar outra pessoa como uma estratégia eficaz para consolidar o próprio aprendizado. Esses resultados revelam a diversidade de estilos de aprendizagem entre os estudantes, refletindo as diferentes inteligências descritas por Gardner (1994). Os alunos que demonstraram preferência por atividades práticas apresentam maior afinidade com a inteligência corporal-cinestésica, enquanto aqueles que aprendem ouvindo manifestam características da inteligência linguística e interpessoal. Os que se destacam ao escrever ou organizar informações evidenciam habilidades relacionadas às inteligências intrapessoal e lógico-matemática, e os que aprendem por meio de recursos visuais se identificam mais com a inteligência espacial.

Em relação às alternativas utilizadas pelos estudantes para reter informações e adquirir conhecimento, os dados revelam diferentes estratégias de aprendizagem. Cerca de 55% dos educandos afirmaram utilizar as atividades do caderno como principal recurso para reforçar o conteúdo estudado, enquanto 33% consideram que copiar anotações da lousa ou quadro branco constitui uma forma eficaz de fixar a aprendizagem. Além disso, 31% dos participantes declararam preferir atividades práticas, como experimentos e experiências em laboratório ou em sala maker, e 28% destacaram que elaborar resumos ou sínteses contribui significativamente para a compreensão dos temas estudados.

Observa-se também que 27% dos alunos reconhecem que o uso de ferramentas de Inteligência Artificial auxilia na aquisição de conhecimentos, principalmente por meio da pesquisa, filtragem e síntese de conteúdo. A mesma porcentagem (27%) apontou que debater o assunto com outras pessoas é uma prática eficaz no processo de aprendizagem. Outros 25% dos educandos afirmaram aprender melhor ao editar, gravar ou assistir vídeos, enquanto 23% mencionaram a realização de trabalhos de pesquisa como estratégia relevante. Já 21% indicaram a leitura e o uso de livros didáticos como recurso preferencial, e 20% consideraram a participação em palestras e debates um meio produtivo para ampliar o conhecimento.

Entre as metodologias menos recorrentes, 14,9% relataram utilizar podcasts, seja gravando, editando ou ouvindo-os, 14,4% mencionaram a elaboração ou observação de gráficos, 11% preferem infográficos, mapas mentais, brainstorming ou nuvens de palavras, e 8% destacaram a gamificação como estratégia de revisão e consolidação do aprendizado.

Com relação a aprendizagem sensorial 51% mencionaram a aprendizagem auditiva (sons, música, voz etc.) e a aprendizagem visual (gráficos, imagens, ícones,



infográficos, símbolos, esboços, cores, formas etc.) como mais promissores no processo de aprendizagem, enquanto 24% se identificaram com a aprendizagem tátil (contato físico com peças, barbantes, tinta, caneta, lápis, desenho, massinha, maquetes etc.). A Inteligência Corporal-Cinestética é indubitavelmente cultivada na medida em que o corpo é a principal ferramenta de trabalho da Expressão Dramática: através dele brincamos, exploramos o espaço, apuramos os sentidos (olfato, tato, paladar, audição e visão), criamos personagens, manipulamos objetos, expressamos sentimentos e comunicamos ideias (ARMSTRONG, 2001).

As múltiplas inteligências que os alunos mais se identificaram: Interpessoal (44%), intrapessoal (42%), lógico-matemática (28%), corporal-cinestésica (27%), linguística (26,4%), naturalista (25%), musical (24%) e espacial (20%). Esses dados revelam uma tendência significativa para as dimensões socioemocionais da aprendizagem, uma vez que as inteligências interpessoal e intrapessoal dizem respeito à capacidade de compreender o outro e a si mesmo, respectivamente. Tal predominância reforça o papel da escola como espaço não apenas de transmissão de conhecimentos, mas também de desenvolvimento das relações humanas, empatia e autoconhecimento.

Por outro lado, a baixa identificação com inteligências como a espacial (20%) e a musical (24%) pode indicar limitações no uso de estratégias pedagógicas que estimulem a criatividade e a expressão artística, áreas muitas vezes negligenciadas no currículo escolar tradicional. Essa lacuna evidencia a necessidade de diversificar as práticas didáticas, valorizando atividades que despertem diferentes formas de pensamento e expressão — como artes visuais, música, jogos, simulações e experimentos —, promovendo assim uma aprendizagem mais integral e inclusiva.

Além disso, observa-se que a inteligência lógico-matemática (28%) ainda se mantém entre as mais citadas, reflexo de uma cultura escolar que privilegia o raciocínio lógico e a resolução de problemas objetivos. No entanto, o fato de ela não ocupar o primeiro lugar reforça que os estudantes reconhecem outras dimensões do aprender, rompendo com a visão reducionista de inteligência única e mensurável.

Desse modo, os resultados demonstram a importância de repensar as práticas pedagógicas sob a ótica das Inteligências Múltiplas, de forma a equilibrar o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e criativo dos estudantes. A escola deve, portanto, ampliar o repertório metodológico, oferecendo experiências diversificadas que



mobilizem diferentes tipos de inteligência e favoreçam uma aprendizagem significativa e equitativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou a pluralidade de formas de aprender presentes entre os estudantes, confirmando os pressupostos da teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1994). Os resultados apontam maior identificação com as inteligências interpessoal (44%) e intrapessoal (42%), o que revela uma tendência para o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, colaboração e autoconhecimento. Em contrapartida, as inteligências espaciais (20%) e musical (24%) apresentaram menor representatividade, sugerindo a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem a criatividade e a expressão artística.

Constatou-se, ainda, que os alunos apresentam diversos estilos e estratégias de aprendizagem, privilegiando atividades práticas, auditivas e visuais, o que reforça a importância de ambientes de ensino dinâmicos e participativos. Tais achados dialogam com a Pirâmide de Aprendizagem de Dale (1969), que defende que a retenção do conhecimento é potencializada quando o estudante participa ativamente do processo.

Dessa forma, a pesquisa reafirma o papel essencial do educador, conforme defendem Armstrong (2001) e Antunes (2000), como mediador que reconhece e valoriza as diferentes potencialidades dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa, inclusiva e integral. Em síntese, compreender e aplicar os princípios das múltiplas inteligências no contexto escolar possibilita romper com modelos tradicionais e construir uma educação que respeite a diversidade cognitiva e humana, preparando o estudante para atuar com autonomia, sensibilidade e responsabilidade no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Múltiplas inteligências, Didática, Aprendizagem, Equidade, Ensino Médio.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. 20 ed. – Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2014.

ARMSTRONG, T. Inteligências múltiplas na sala de aula. 2. Ed. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 2001.

CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. Ensino aprendizagem por meio das inteligências múltiplas: inteligências múltiplas em sala de aula. 2.ed. Porto Alegre: **Penso**, 2000.

DALE, E. Audiovisual methods in teaching. 3. ed. New York: **Dryden Press**, 1969.

GARDNER, H. Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: **Artmed**, 1994.

GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. – Porto Alegre: **Artmed**, 1995.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 3. ed. São Paulo: **Cortez**; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MONTEIRO, L. P.; SMOLE, K. S. Um caminho para atender às diferenças na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.1, p. 357-371, jan./abr. 2010.

RIZZATTI, M.; CASSOL, R.; BECKER, E. L. S. A Cartografia Escolar e a Teoria das Inteligências Múltiplas no ensino de Geografia: contribuições das geotecnologias no Ensino Fundamental. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 14, n. 3, dez/2020, p. 239–167.

SMOLE, K. A matemática na educação infantil: sentido e significado. Porto Alegre: **Artmed**, 1999.

